REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 772

10 DE JUNHO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Escreveremos hoje mais um capitulo para a historia em muitos volumes dos milagres da caridade.

De duas festas altamente sympathicas havemos de nos occupar: distribuição de premios nas officinas de S. José, inauguração do sanatorio de Outão para crianças tuberculosas.

Lagrimas em muitos olhos fez brilhar a commoção; são outras tantas que se enxugaram em faces de infelizes, que nasceram para chorar e a quem a caridade ha de illuminar a vida com sorrisos.

No domingo, 3 do corrente, realisou-se a distribuição dos premios aos alumnos das officinas de S. José, sendo precedida essa commovedora solemnidade por um concerto e recitação de versos, em que só os pequenos reclusos tomaram parte. A' festa dedicada ao sr. governador civil, D. João de Alarcão, que tão desveladamente tem posto ao serviço da caridade todos os thesoiros do seu coração, assistiram o sr. Nuncio Apostolico e muitos dos insignes protectores d'essa instituição tão digna de auxilio.

O sr. director, padre Pedro Cogliolo, incançavelmente se tem proposto melhorar as condições dos asylados e é seu sonho ambicioso obter donativos para fundar um estabelecimento modelo em que maior numero de desgraçadinhos possam ser recolhidos.

As officinas de S. José, de instituição muito recente, estão hoje espalhadas pelo mundo inteiro e pelo inteiro mundo repartem seus beneficios.

Não ha quem hoje ignore o nome do padre Bosco, um verdadeiro santo, nem quem deixe de prestar o mais respeitoso culto ao padre Sebastião de Vasconcellos, cuja iniciativa e generosidade abriram no Porto o melhor dos asylos para a regeneração de crianças que, não fosse elle, talvez se perderiam.

Festa digna de respeito foi essa dos pequeninos que a caridade acolheu no seu manto e a quem deu um futuro bonançoso, quando tantos haviam nascido malfadados e em dias negros.

Foram criancinhas tambem as que a sr.ª D. Amelia acolheu no seu manto de rainha, manto de larga roda, onde tantos proçuram abrigo e que, desde ha seculos, é milagroso nos hombros das rainhas portuguezas.

Foi encantadora a festa da inauguração do sanatorio, onde desde o dia 6, vigiadas e carinhosamente tratadas pelas irmãs da caridade, ficaram recolhidas trinta e seis criancinhas, que, não fôra a mão benefica, que tão realmente se lhes estendeu, seriam um dia victimas co mais terrivel dos males.

O primeiro estabelecimento de assistencia nacional aos tuberculosos fundou-se n'um paço real. Tao bella foi a idéa, tanto partiu d'um coração materno, que nem a politica afastou do concurso a tão formoso acto de caridade os partidos mais oppostos. No Outão se juntaram n'esse dia os adversarios mais intransigentes, os velhos absolutistas e os vermelhos republicanos. Quem appella para a caridade ha de obrar milagres por força. A mão da rainha transformou-se em mão angelica e todos lh'a querem beijar.

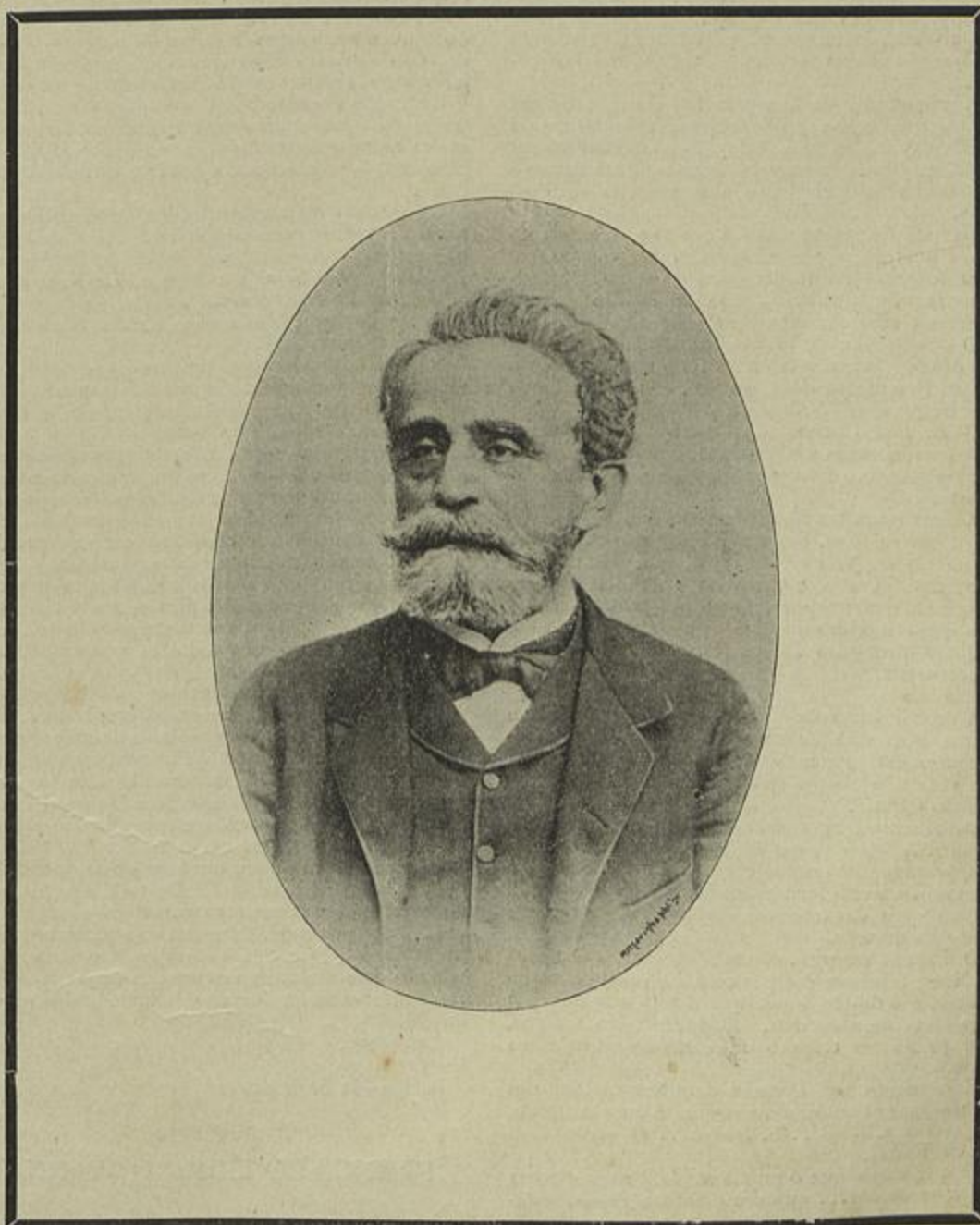
Esse amor pelos desgraçados que dá aos ricos as maiores satisfações no espalhar da riqueza, não menos se revela nos pobresinhos ás vezes. Quando não teem dinheiro offerecem o seu trabalho, arriscam por vezes a sua vida.

Seja exemplo o heroismo d'aquella rapariga de 19 annos, Albertina dos Reis, que tanto concorreu para que fossem salvos cinco naufragos da lancha *Santo Ildefonso*, encalhada na barra da Figueira. Quando da distribuição dos premios no Instituto de Soccorros a Naufragos, o valor d'essa heroina foi saudado com uma salva de palmas.

Tantas maneiras ha de exercer a caridade e tanto merecem todos aquelles que á maior das virtudes, fonte de todas as outras, dão abrigo no coração!

A' muita generosidade de que deu sobejas provas n'este mundo Francisco Isidoro Vianna, fundador do Asylo D. Pedro V, no Campo Grande, devem seus filhos a consolação de ver tão sentida a morte d'elle.

Concorridissimo foi o seu enterro e unanimes foram as demonstrações de sentimento.

Velho e alquebrado, julgou seu dever tratar pessoalmente em Paris um negocio importante.

FRANCISCO ISIDORO VIANNA — FALLECIDO EM 1 DO CORRENTE
(Copia de uma photographia de A. Fillon)

Mas para os seus oitenta annos era demasiado o cançasso da viagem de ida e volta. Pouco depois da sua chegada, fallecia entre os seus, victima da sua actividade, não desmentida nem sequer na velhice.

Deixa um nome honrado e bemquisto. Que maior felicidade depois de tão longa vida?

Extenuados tambem, depois de uma viagem cheia de incommodos, voltaram de Roma os perigrinos. Mas todos contentes. Fome no caminho houve muita; mas assistiram aos mais bellos espectaculos e viram a mais notavel das cidades do mundo. E não lhes aconteceu como a muitos: ir a Roma e não ver o Papa.

Uns voltaram, outros, aproveitando a proximidade relativa a que se achavam da exposição, partiram de Marselha para Paris.

As viagens baratissimas vão encher Paris com os habitantes do mundo inteiro e alguma vez transformar a torre Eiflel em verdadeira torre de Babel.

Chegam-nos boas noticias da forma porque teem sido pela imprensa estrangeira apreciadas as nossas installações. A decoração do pavilhão de caça e pescarias tem sido muito elogiada.

Varios jornaes parisienses teem-se referido com merecido elogio á nossa exposição de bellas artes.

Mas nem tudo tem sido rosas para os emprezarios de surprezas. Algumas secções da exposição tem sido pouco frequentadas pelo publico e parece que a grande attracção continua por emquanto sendo a horrorosa torre Eiffel.

Os inglezes, apesar de tão maltratados pela imprensa franceza a proposito da guerra do Transvaal, continuam todos os dias a desembarcar ás centenas em Calais e a dirigir-se para Paris.

Mais socegados, depois da entrada de Roberts em Pretoria, dão quasi como terminada a guerra. Não parece ser essa a opinião de Fischer, presidente da delegação transvaliana, ha dias interrogado em Nova-York. A guerra, segundo elle, prolongar-se-ha ainda por muito tempo, tencionando os boers imitar a tactica dos tagalos nas Filippinas.

A população de Londres ficou excitadissima com a noticia do aprisionamento do batalhão de Yeomaury, perto de Lindley. Setecentos inglezes feitos prisioneiros devem forçosamente aguar o contentamento pela entrada do exercito em Pretoria.

Na politica portugueza a questão debatida da nossa neutralidade não tem acirrado os animos e uma resposta muito laconica dada ha dias, na Camara dos deputados, pelo sr. Beirão poz na questãs e suas derivadas um ponto final.

O que houve de mais importante nas ultimas sessões das nossas camaras foi o apparecimento do sr. Presidente do Conselho, depois de tantos dias de prolongada doença.

O sr. José Luciano de Castro foi muito cumprimentado pelos seus amigos, que lhe davam as boas vindas e o felicitavam pelo seu restabelecimento.

Alguns tumultos houve nas camaras que apenas merecem registro. Foi um d'elles motivado pela perna do sr. Vieira de Castro, que, segundo dizem, cavalgava a cadeira do sr. Presidente do Conselho, e outro por umas frases pouco agradaveis para o clero proferidas pelo sr. Sampaio e Mello a proposito do seu projecto de lei a favor do divorcio.

Mais nada.

A serenidade voltou pouco depois a campear e muito mais que de divorcio se tem falado em *Amantes* e muito mais que da perna do sr. Padre Vieira de Castro se continua falando do caixão do Papuss.

Os *Amantes* agradaram de vez no theatro D. Amelia. A obra prima de Donnay foi felizmente interpretada, em muitas scenas, pelos actores que tomaram a peito tornar conhecida do publico de Lisboa uma das melhores comedias do theatro moderno francez.

O Papuss morreu, ressuscitou por ordem dos medicos, tornou a morrer com consentimento da policia, e é tão felizardo que dizem que dormirá uma sesta de nove dias, sellado, lacrado, vigiado, sem papão no telhado e ganhando muito bons vintens.

E o tempo vai estando para sestas. Dias tão compridos! Estamos quasi no Santo Antonio. Depois o S. João... S. Pedro... O verão com nosco. Festas.

O que vale é que o mundo anda á roda e tanta volta ha de dar... que um dia dormiremos socegados, acordaremos para uma festa.

Hoje... ámanhã... um dia. Estejam descançados.

João da Camara.

CARTAS DA EXPOSIÇÃO

Pela primeira vez em Paris, na grande capital do mundo, como a sonhára Victor Hugo, não é de admirar que as primeiras horas decorressem para mim n'um maravilhoso encanto, e tal posse de mim tomasse o mundo exterior que me adormeceu de todo a consciencia e me fez esquecer minha promessa.

Fôra-me recommendado um pequenino hotel, n'um bairro maravilhosamente tranquillo, proximo do Arco do Triumpho. É no meu quarto junto aos telhados, d'onde avisto uma enorme parte da mais famosa cidade do mundo em que hoje enxameiam os estrangeiros, que, fechada a minha porta, descançando por minutos da embriaguez de muitas horas, pego na penna e me resolvo a enviar para o OCCIDENTE um insignificante avo das muitas impressões recebidas.

Por onde começar? Anceio por contar-lhes tudo, desde o encanto da minha viagem, logo que puz o pé no asphalto da estação até que o fiacre velho, puxado por um cavallo lazarento, parou á porta do hotel que me fôra recommendado. Esses vinte minutos de surpreza, em que pela primeira vez puz os olhos em tantas maravilhas, muitas das quaes reconheci pela leitura assidua de muitos livros parisienses, dar-me-hiam muitos volumes, se para tanto me ajudasse engenho e arte.

Mas Paris tem sido tão descripto por tão illustres pennas e afinal está hoje a tão poucas horas da nossa Lisboa, que toda a minha ingenua admiração faria sorrir a muitos.

Temos que escolher assumpto e, porque estamos longe da patria, não havemos de esquecel-a. Será do pavilhão portuguez que lhes vou falar.

Direi entre parenthesis que logo que atravessei a fronteira me appareceram com outra luz as nossas coisas. Eu que muita vez disse mal do que é nosso, alegrei-me sempre que os meus companheiros de viagem tiveram para o meu querido paiz frazes amaveis. A bandeira azul e branca, fluctuando no céo brilhante d'este fim de maio esplendido, tem aqui em Paris parece que uma outra significação e fala-nos d'outro modo ao coração.

Como devem saber, toda a imprensa parisiense tem sido amabilissima para comnosco, elogiando muito os nossos pavilhões, a sua decoração, a exhibição dos productos, os quadros dos nossos artistas.

Os jornaes mais auctorisados dedicam longos artigos á secção portugueza. Todos sem excepção lhe tecem devidos elogios. Vejam-se *Le Figaro, Le Matin, Le Soir, La Presse, La Patrie, Le Journal et Le Petit journal* e tantos outros.

A sala das pescarias merece a todos elles attenção muito particular.

Na sala onde os nossos pintores expõem as suas telas admirámos muitos dos melhores quadros dos nossos mais queridos artistas, alguns dos quaes já haviam merecido ser expostos no *Salon*. A Columbano, Sousa Pinto, Salgado, Condeixa e a muitos outros ouvimos tecer louvores pela maneira gloriosa porque se apresentaram. Brilham tambem as senhoras, algumas artistas de profissão e incontestaveis artistas, outras simplesmente amadoras, mas demonstrando verdadeiro talento.

A exposição dos quadros honra muito os artistas portuguezes que muito gratos devem todos estar a Antonio Arroyo, que tanto trabalhou e com tanta energia para que todos os quadros fossem devidamente collocados.

Falando de pintores e sahindo do assumpto que me propuz para esta despretenciosa carta, não posso deixar de fazer menção do grande quadro de Pedro Americo, *Pax et Concordia*, que no *Salon* se acha exposto. Uma verdadeira maravilha! Que formosa allegoria! Que grande mestre é preciso ser-se para conceber e executar tão primorosamente obra d'arte tão colossal!

O Brazil é um pouco tambem nossa patria. Eu que lá passei dez annos... De toda a gloria que ao Brazil possa caber uma parte é nossa.

E ponto por hoje. O tempo não me sobra. São horas de ir ver a Sarah Bernhardt, que, ha dias, falando com um amigo nosso portuguez disse-lhe ter conservado de Portugal as mais gratas recordações.

Até breve.

Paris — 31 de maio.

M. C.

FRANCISCO ISIDORO VIANNA

A morte do conhecido e opulento banqueiro sr. Francisco Isidoro Vianna foi sem duvida uma surpreza dolorosissima, que consternou profundamente quantos d'ella tiveram conhecimento. E' que o venerando ancião, tanto no longo convivio dos negocios como na doce intimidade do seu trato affabilissimo, soubera grangear as maiores sympathias.

O prestigioso chefe da antiga e respeitavel casa bancaria d'esta praça *Fonsecas, Santos & Vianna* alcançara recentemente um titulo á justificadissima consideração que lhe dispensava todo o paiz. Como presidente do conselho de administração da Companhia dos Tabacos de Portugal, o sr. Vianna fôra, ha cerca de um mez, a Paris negociar o emprestimo que facultou ao governo portuguez os recursos precisos para satisfazer a indemnisação arbitrada pelo tribunal de Berne, sobre a questão do caminho de ferro de Lourenço Marques. No exito de tão importante missão se encontrará um perduravel louvor á memoria do extincto, e oxalá este convencimento em que estamos possa servir de lenitivo aos que o pranteiam.

Não offerece tambem duvida que esta missão, pelas successivas emoções a que expoz o estimado banqueiro portuguez, foi causa directa do inesperado golpe que o feriu, roubando-o de subito ao carinho da extremosa familia e ao apreço dos seus concidadãos. O sr. Isidoro Vianna nunca tinha sahido da peninsula, e, quando o convenceram de que a sua presença era indispensavel em Paris, para vantajosa conclusão do emprestimo dos 23 milhões de francos ao governo de Portugal, não hesitou um momento e, esquecendo as naturaes fadigas dos seus setenta e nove annos de edade, resolveu effectuar a viagem.

São bem conhecidas as deferencias e attencções que na capital franceza recebeu o respeitavel ancião.

Quão vivissima não seria a commoção que sentiu, quando, em resposta ás suas propostas, a alta finança parisense lhe declarou que em seu nome ou á sua ordem se achavam no Banco de França, não os vinte e tres milhões pedidos, mas quarenta, se os quizesse. E depois, aquella affectuosa despedida na gare do Norte, em Paris, onde os mais notaveis elementos da finança accorreram a dar-lhe o aperto de mão, como não sensibilisaria o honrado banqueiro! Mas a estas emoções, demasiadas para tão avançada edade, accrescentaram-se outras, que nos permittimos reproduzir da ultima e excellente chronica financeira do *Diario de Noticias*, em que tão bem se descrevem:

«O bondosissimo animo de Francisco Isidoro Vianna, — escreve o esclarecido chronista — não sabia envaidecer-se d'este genero de manifestações que não são vulgares na capital franceza; por isso a impressão d'aquelle significativo botafora, só depois do comboio em andamento se lhe manifestou em emocionantes lagrimas, que elle, mau grado seu, não poude reter e que a furto enxugou, sem que uma só vez durante o caminho alludisse ao prazer que necessariamente lhe havia causado aquella prova de consideração, que não foi a unica que elle recebeu em Paris, embora a sua natural modestia o fizesse esquivar a todas que elle podia evitar. E não foram poucas!...

«Chegou a Lisboa na segunda feira de manhã; á tarde conferenciava com o ministro da fazenda e presidia seguidamente ao conselho de administração da companhia dos Tabacos. Contava ter tudo terminado na quarta feira, dizia-nos elle, para então ir ver a sua pittoresca vivenda em Cintra, a sua paixão, quasi o seu vicio! As delongas burocraticas não permittiram que elle realisasse esse desejo. Apenas sexta feira as lettras que elle tinha de assignar, como presidente da companhia, deram ali entrada. Não menos de 270 assignaturas teve elle de fazer. Em seguida foi presidir ao conselho a que deu conta de ter ultimado a sua missão. Estava risonho, satisfeito, tranquillo.

«Ia finalmente descançar da pesada *corvée* que durante quatro semanas tinha imposto aos seus 80 annos laboriosos. Ao chegar a casa, a morte, que no caminho o empolgara, prostrou-o de vez, em duas ou tres horas. Ia finalmente descançar o sympathico velho...

«Na praça, o seu passamento foi pranteado sentidamente e largo tempo será evocada, como um symbolo de uma vida commercial honrada, de um caracter activo e trabalhador e de um coração bondosissimo, a memoria do *Pae Vianna*, como affectuosamente era conhecido e designado pelos seus collegas o fallecido banqueiro».

O sr. Francisco Isidoro Vianna era natural de Lisboa, onde nasceu a 21 de abril de 1821. Como outro seu irmão, começou os estudos no intuito de alcançar grau em medicina, e assim chegou a fazer as humanidades e a concluir o primeiro anno de philosophia e de mathematica na Universidade, cerca de 1837. Não se demorou, porém, em Coimbra, e ao fim de umas ferias não voltou

alli. Aqui, em Lisboa, se enamorou da senhora com quem casou, D. Capitolina da Silveira, filha de José Nunes da Silveira, um dos governadores do reino acclamados pela revolução de 1820, e que no commercio portuguez occupou um logar distinctissimo, vindo a fallecer em 16 de junho de 1833.

Por este seu enlace forçoso foi ao sr. Isidoro Vianna o occupar-se solicitamente dos seus negocios de familia e abandonar a idéa de proseguir nos estudos; e a administração da sua casa era bem importante. Passados logo alguns annos — tanta era a sympathia e consideração que desde cedo mereceu — foi instado para que acceitasse a eleição da *Junta do Credito Publico*, e n'ella permaneceu por muitos annos, até que em 1860, ligado a Pinto da Fonseca e a Carlos Santos, fundou a sua casa bancaria.

Em 1850 a politica, que conseguira attrahir Francisco Isidoro Vianna, levou-o deputado contra Casal Ribeiro, o então ministro da fazenda. Esta derrota a tão poderoso adversario politico era significativa e mostra a convicção dos eleitores dos Olivaes no caracter do seu escolhido.

Nas suas obras de beneficencia ha que enumerar os Asylos de D. Pedro V, ao Campo Grande, e o de D Luiz I, em Marvilla; cuja iniciativa e desvelos de zeloza admnistração que a elles consagrava eram particularissimos.

Parece que foi por esta epoca, ou pouco depois, que entrou no chamado *Contracto do Tabaco*, no qual então se interessavam as maiores fortunas de Portugal, e onde se conservou até á extincção, em 1864.

De todos os monopolios é decerto este um dos mais interessantes na administração portugueza, e já que nos estamos referindo a um dos homens que no actual o dirigiram superiormente não resistiremos a esboçar a sua historia.

Pouco annos antes da acclamação de D. João IV arrematou um portuguez na côrte de Madrid o contracto do tabaco por quarenta mil réis. D'ahi a tres annos, outro portuguez chamado Ignacio de Azevedo logrou a concessão do mesmo contracto mediante 60$000 réis, mas este contractador morreu e ficou o contracto por conta do primeiro. Sempre foi crescendo o contracto, de maneira que em 1640 foi arrendado o tabaco em 10:000 cruzados. D. Pedro II, por lei de 14 de julho de 1664, institue a Junta do Tabaco. Em 1674 arrendou-se o contracto por 60:000 cruzados. De 1675 por deante foi rendendo 500:000 até um milhão de cruzados. Em 1698 alcançou 1.600:000 cruzados; e, finalmente em 1707 e 1708, D. João Antonio de la Concha castelhano, arrendou-o por 2.200:000 cruzados em cada anno.

Convém notar que a maior parte d'este tabaco se consumia sob a forma de rapé, porque até epocas não muito distantes apenas fumava a gente de baixa condição.

Durante todo o seculo XVIII e na primeira metade do presente, o contracto do tabaco, ora foi de exclusivo da fazenda publica, dado em arrematação, ora administrado por commissões especiaes, mas sempre sem o estado lucrar como devia.

Tendo explorado, em larga escala, com João Paulo Cordeiro e outros capitalistas a industria do tabaco, o sr. Isidoro Vianna, quando o governo no expropriou as fabricas e instituiu a *régie*, foi ainda quem se collocou á frente do grupo financeiro que, extincta a administração por conta do Estado, firmou com o governo de 1891, mediante uma renda annual de 4:250 contos, o contracto do exclusivo do fabrico, que deu origem á Companhia dos Tabacos de Portugal, de que a casa *Fonseca, Santos & Vianna* é um dos maiores accionistas. A' direcção superior da Companhia se consagrou dedicadamente Isidoro Vianna, com a sua reconhecida competencia, e n'este elevado cargo o veiu surprehender a morte no dia 1 do corrente mez, pelas sete horas e tres quartos da tarde.

A homenagem prestada ao fallecido no dia 3 do corrente, por occasião do seu enterro no Alto de S. João, foi imponente. No cortejo que da sua residencia, no Campo Pequeno, acompanhou áquelle cemiterio os seus restos, notava-se as pessoas mais conhecidas da nossa sociedade. Via-se o governo representado por todos os ministros, muitos ministros de estado honorario, presidente e vice-presidente da camara dos deputados, presidente da camara municipal, alta finança, aristocracia e funccionalismo. No cemiterio aguardavam os empregados das fabricas de tabaco e as crianças dos asylos D Pedro V e D. Luiz I.

Da virtuosa senhora com quem casára, e já ha annos fallecida, deixa o sr. Isidoro Vianna quatro filhos, todos vivos: duas senhoras e dois varões, sendo um d'elles o sr. conselheiro José da Silveira Vianna, actual vice-presidente da Junta do Credito Publico, cavalheiro a quem, por parte da familia real, nobreza do reino, camaras, banco de Portugal e outras instituições publicas, teem sido dirigidas manifestações de profundo pezar pelo golpe que soffreu a illustre familia Vianna, dispensando á memoria do fallecido as mais honrosas referencias.

Por sua vez, O Occidente dirige respeitosamente a s. ex.ª a expressão sincera da sua condolencia, acompanhando-o na magua que o afflige.

Esteves Pereira.

AS CORPORAÇÕES OPERARIAS EM PORTUGAL

I

O arruamento dos officios. — Os procuradores dos mesteres

As corporações gremiaes em Portugal foram sempre em menor numero que as de outros paizes, mas menos gravozas pela sua natureza, como já o notaram os nossos escriptores, affirmando alguns que ellas eram governadas por leis mais sabias que as suas congeneres do resto da Europa [1].

A mais antiga organisação dos officios que conhecemos entre nós é a do *arruamento*, pela qual certos e determinados *officios mecanicos*, como então se chamava, eram obrigados a ter suas lojas em ruas ou logares designados.

No anno de 1308, *mais de quinze tanoeiros se quizeram arruar com suas tendas e casas*, diz-nos frei Manoel da Esperança [2].

No anno de 1351, a camara do Porto concedeu varias prerogativas aos *mesteiraes*, ou officiaes mechanicos, que quizessem vir morar para a cidade, mas pagando soldo como visinhos.

No anno de 1395, segundo uma carta regia, que se guarda no *Livro dos Prégos*, fls. 126-v.º no Archivo Municipal de Lisboa, suscitava-se o preceito já ordenado em 5 de junho do anno de 1351, dizendo:

«3.º — Que fossem arruados os mesteiraes, cada uns de seu mester em suas ruas.»

Ainda hoje algumas ruas da cidade conservam a antiga designação; *dos cordoeiros, dos correeiros, dos sapateiros, douradores, ferreiros, pescadores, da prata, do ouro, fanqueiros*, etc.

Segundo um documento do fim do seculo XIV, o *arruamento* dos officios mechanicos era estabelecido *por bom regimento e maior formosura da cidade*, e para que os juizes dos officios e os almotacés das execuções pudessem mais facilmente fiscalisar os artefactos expostos á venda, e verificar se eram feitos como deviam a bem da reputação dos artigos e dos interesses do povo.

Um grande numero de posturas do senado da camara de Lisboa prohibia que os officiaes mecanicos morassem n'outras ruas que não fossem as destinadas a cada officio [3].

Por privilegios especiaes havia algumas excepções, como por exemplo succedia já no tempo de D. João I aos armeiros, moedeiros, etc.

N'alguns escriptos, reputados do seculo XIV, como a *Relação da Vida de Santa Izabel*, mulher de D. Diniz, e as *Ordenações Affonsinas*, IV — XXX, I e V — LVIII, I, onde estão compiladas leis das côrtes de Evora, em 1391, e de Coimbra (1394?), celebradas no reinado de D. João I, e se consignam muitas outras indicações relativas a factos indubitavelmente anteriores, apparecem preciosas referencias, pelas quaes se vê que os officios e mesteres eram exercidos livremente, estando perfeitamente organisados, com seus salarios estabelecidos, mestres, aprendizes, e até usofruindo diversos privilegios, a que aquellas leis alludem.

Na *Relação da Vida de Santa Izabel*, faz-se expressa mensão de pedreiros, carpinteiros e outros artifices constructores. A Rainha Santa tinha um hospital de engeitados, onde «*e, des que eram criados e crescidos, mandava-os pôr a mestres, e, des que aprendiam mester... que por si vivessem.*»

Embora aqui se trate de aprendizagem, claramente, é certo comtudo que só mais tarde ella se estabeleceu com regulamentos definidos. Só com as corporações d'officios se regularisou nas cidades, pelo menos nas principaes, o aprendizado. Ainda nas côrtes começadas em Evora em 1481 o rei se recusava a conceder aos concelhos «que ninguem possa ser mestre de officio mecanico, sem previo exame de officiaes examinadores eleitos annualmente pelos officiaes do mesmo officio e confirmados pela camara». O soberano não annuiu, prohibindo que os mecanicos pudessem conservar fechadas suas tendas para se occuparem de outros negocios [1].

Data d'esta epoca proximamente o inicio do aprendizado regular, que mais tarde regularisou com a condição obrigatoria do exame, e sujeito a regras determinadas, exigindo-se nas cidades e outras povoações mais importantes a carta de official examinado.

E' claro que no seculo XIII se não podia pensar na carta de exame, mas alguns preceitos haveria para dar por official o aprendiz.

O milagre dos salarios pagos em rosas pela Rainha Santa aos officiaes mecanicos que trabalhavam no convento de Santa Clara, e cuja lembrança suavemente poetica a tradicção conservou até hoje, dá-nos um indicio importante sobre a livre condição profissional do nosso operario n'aquella epoca.

As *Ordenações Affonsinas* apontadas, constituem lei geral aos officios. Pela primeira d'ellas, vê se que os operarios e trabalhadores, *homees braceiros*, como então lhes chamavam, para que os fidalgos lhes não tomassem os filhos como serviçaes, os punham *a mestres, e tanto que passavam alguns tempos, os tiravam d'elles*, e *quando os demandavam para morarem por soldada, punham escusa que eram postos a mesteres.* Contra este facto, pediram providencias os procuradores dos concelhos solicitando tambem que o favor de não serem tomados por soldada só aproveitasse aos filhos que esses homens *tivessem continuamente a mesteres.* Isto indica a falta de um termo na aprendizagem.

D. João I deferiu o pedido dos procuradores e decretou a lei que se lê na ordenação referida.

Pela *Ordenação V* — LVIII, I, já citada, sabe-se que os mesteres se queixaram contra os almoxarifes e outros individuos, que, sem competencia para o fazer, *prendiam os mesteiraes por nom hirem aas obras d'El-Rey*; e, pedindo-se-lhe remedio a isto, determinou D. João I:

«Que os almoxarifes seus, nem d'outros alguns, não pretendam nem mandem prender nenhuns para suas obras, salvo havendo para isso mandado especial; e quando os houverem mister, que os peçam ás justiças, e as justiças lh'os dêem, segundo cumprir a seu serviço.»

Comprehende-se, pois, pelo texto das duas ordenações, que já antes de D. João I os officios tinham organisação e regalias proprias, levando nós esta presumpção até D. Diniz, em cujo reinado, attenta a paz que começava a desfructar-se e os factos que deixamos apontados, parece que as corporações dos officios já assumiam uma certa importancia.

Do reinado de D. João I deixou-nos a *Chronica Carmelita* de Sant'Anna, indicações interessantes sobre os salarios dos serventes de alvanéos que trabalharam no convento do Carmo, de Lisboa. Aquelles chegaram a ganhar dez reaes, os officiaes treze e os mestres trinta. Esclarece ainda a chronica que «os serventes ganhavam bem para dois e meio alqueires de trigo, porque então valia a cinco réis.»

O descanço obrigatorio ao domingo mereceu á segunda cidade do reino uma das mais interessantes posturas, de opportuna recordação, a do encerramento das lojas e officinas n'esse dia.

Em 1401, accordou a camara do Porto *em que os mestres da mesma cidade não fizessem obra alguma desde o sabbado ao sol posto até segunda feira sol sahido.* [2]

A industria portugueza adquire com a influencia dos officios no municipalismo a base do seu desenvolvimento e consideração. Na administração das cidades portuguezas, vêmos por largos annos exercerem elevados cargos os officiaes mecanicos, como *procuradores dos homens bons dos mestéres* e auferindo rendosas capatazias das companhias de serviço publico.

No seculo XVII, um illustre auctor [3] explica-nos que, no senado da camara de Lisboa, havia quatro homens a que o vulgo chamava *mestéres*. Eram eleitos na Casa dos 24 e serviam só duran-

---

[1] Vide *Variedades sobre objectos relativos ás artes, commercio e manufacturas* por José Accursio das Neves — 1814, vol. I — pag. 96.

[2] *Historia Seraphica* — Parte I — Livro II — cap. I. Este officio era como se vê, importante, e talvez o mais antigo de todos os arruados. Em 1539, por carta regia de 27 de agosto, elegia 2 delegados á Casa dos 24. Foi d'elle que no reinado de D. João I sahiu o primeiro Juiz do Povo.

[3] Ainda, em 1760, um decreto, com data de 5 de novembro, prescreve o arruamento dos officios por occasião da distribuição das ruas abertas entre as praças do Commercio e do Rocio.

---

[1] Alguns auctores affirmam que n'este tempo já havia exame em Evora.

[2] *Elucidario* de Viterbo — voc. *Mesteiral*.

[3] P. Raphael Bluteau, no seu *Vocabulario* — palavra *Mester*.

te um anno, entrando em janeiro, sendo sempre officiaes mecanicos. Tinham voto com os ministros do senado, mas a metade do ordenado e propinas de um vereador; assentavam-se na camara em banco de encosto de pau, como o escrivão e procuradores da cidade, mas mais abaixo e separados da meza, tendo em logar d'ella deante de si cada dois uma taboa em forma de estante com tinteiro e poeiras de pau, para assignarem e rubricar nos contractos, consultas etc., em que se fazia menção d'elles.

Na sua primeira creação, os *mesteres* ou *procuradores dos officios* tinham apenas o exercicio de procurar na camara o que se necessitava para os officios mecanicos, taxas para evitar as carestias d'elles, regimentos por que se governassem nos exames, nas eleições dos juizes, etc. [1]

Por uma carta regia de Filippe III, de 18 de maio de 1633, sabe-se que elles assignavam todas as deliberações do senado lisbonense. Quando exerciam estes cargos, os procuradores dos mesteres, embora deputados da Casa dos 24, eram independentes d'ella. Nem ao Juiz do Povo, chefe d'aquella casa, era permittido impôr-lhes qualquer acto.

Por diversas leis posteriores, aos procuradores dos mestéres, foram concedidos varios privilegios, contribuindo para isso em especial a importancia politica que então adquiriram nos negocios do reino [2]. Póde mesmo affirmar-se que a maior importancia do *Juiz do Povo* data da deposição de D. Affonso VI, pelo papel que á politica de D. Pedro II conveiu que elle tivesse [3]. A consideração dada aos officios por D. João I tambem já fôra por necessidades politicas.

No reinado de D. José I, ainda os privilegios concedidos aos procuradores dos officios se accentuaram, apparecendo então nos documentos publicos a phrase notavel de que *trabalho louvavel é aquelle que dá aos vassallos os meios de se sustentarem* [4].

Em 1757, entravam os procuradores dos mesteres na camara e sentavam-se na meza da vereação com o seu espadim, conforme o decreto de 24 de novembro.

Esteves Pereira.

[1] Ao papel passivo que então os officios representavam allude Francisco de Sá na sua Sat. 1, num. 61:

«E a pobreza dos Mestéres
Que nem fallar são ousados
Deante os móres poderes».

[2] Em dois decretos successivos, na data de 28 de maio de 1663 e de 22 de egual mez de 1666, concedem-se e suscitam-se varios privilegios aos procuradores dos mesteres. Entre elles o seguinte: «Os seus filhos podem ler no Dezembargo sem despensa».

[3] Veja-se a nota final do vol. IX dos *Elementos para a historia do Municipio* por Eduardo Freire de Oliveira. —1898.

[4] Este alto conceito já em 1565 nos apparece n'um alvará de D. Sebastião, com data de 22 de maio de 1565.

A phrase transcripta acima póde-se ler nos alvarás de 21 de abril de 1751 e 25 de junho de 1760, § 18.

Na *Chronica do Conde D. Pedro*, capitulo I, lê-se o periodo seguinte, cujo pensamento se mostra egualmente elevado:

«E porque segundo o Filosofo, *o recompensamento do ganho deve ser dado àquelle que he misteiroso* (trabalhador) e o recompensamento da honra áaquelle que é muito nobre e excellente».

O CASTELLO DE OUTÃO, ONDE FOI INAUGURADO O PRIMEIRO SANATORIO PARA TUBERCULOSOS, NO DIA 6 DO CORRENTE — Vid. *Chronica Occidental*

MAIS VAL TER SORTE...

(NOTA — Isto que vão lêr não representa uma lucubração da fantasia. Foi-me narrado por um clerigo, o qual, haverá uns quarenta annos, exercia o cargo de instructor na escola militar de Woolwich, e que abonava a veracidade da narração.

MARK TWAIN.

Foi em Londres, n'um festim devorádo em homenagem a um d'esses dois ou tres nomes militares da Inglaterra, conspicuamente illustres entre a actual geração.

Guardarei para mim o nome e titulos respectivos, chamar-lhe-hei o tenente general lord Arthur Scoresby—Y. C. H. G. B. etc., etc., etc.

A que ponto nos fascina um nome illustre!

E ali se achava, em carne e osso, aquelle homem, ácerca do qual, milhares e milhares de vezes, eu tinha ouvido falar, a datar d'esse dia, — e já lá vão trint'annos—em que o seu nome, disparado ao zenith desde um campo de batalha da Criméa, tinha que ficar celebre por todo o andar dos tempos.

Olhar, mirar, dissecar, esquadrinhar com a vista aquelle semi-deus — eis o meu quinhão no festim! Eu espreitava, analysava, registava, passo a passo, a serenidade de espirito, a reserva, a compostura, a nobre gravidade d'aquella physionomia; aquelle ar de tão singela honestidade, que constituia a sua expressão dominante, aquella ilhana inconsciencia da presença de centenares de olhos, que o contemplavam, estarrecidos de admiração — aquella inconsciencia da unanimidade d'esse culto profundo, carinhoso quanto sincero, d'essa onda de fluido magnetico, a golfar do peito de toda aquella gente, e parecendo querer involvel-o!

Sentado á minha esquerda estava um ecclesiastico, — um conhecido de outr'ora, e actualmente, clerigo—, tendo porém gasto o melhor da sua vida, já por acampamentos, já como instructor na escola militar de Woolwich.

No proprio momento a que me estou referindo, um lampejo velado, mas singular, fulgia-lhe nos olhos; debruçu-se para mim e, em confidencia, murmurou me ao ouvido, indicando por acenos o heroe do banquete:

—«Aqui para nós, não passa d'um refinadissimo asno»!

Escutei, boquiaberto, o *veredictum*.

Se acaso elle se referira a Buonaparte, a Socrates ou a Salomão, não teria sido maior o meu espanto!

Havia porém duas coisas a respeito das quaes eu possuia absoluta certeza: — que o reverendo

era pessoa de extrema veracidade, e que se mostrava sempre justo no seu modo de apreciar os individuos.

Eu ficava, portanto, sabendo — e isto sem contestação ou duvida, que, com respeito ao nosso heroe, o mundo andava illudido... elle era um asno.

Empenhei me, pois, desde logo em verificar, assim que encontrasse occasião, como fôra que o reverendo, só por si e sem auxilio externo, tinha desvendado o segredo.

D'ali a dias, apresentou-se o ensejo e eis o que me contou o reverendo:

Haverá uns quarent'annos, era eu instructor na academia militar de Woolwich. Fazia parte de uma das secções do jury, quando o joven Scoresby fez exame de admissão. Cheguei a estar afflicto com dó d'elle, o resto da classe respondeu brilhantemente, emquanto que elle — Deus me perdôe — não sabia *uma palavra* fosse do que fosse.

A sua indole era manifestamente boa, sincera, e inteiramente despida de malicia; tornava-se, pois, tanto mais doloroso, vel-o para ali, impertigado, sereno e impassivel, qual papagaio de gesso, a despejar respostas que eram verdadeiros portentos de ignorancia e estupidez.

A compaixão toda de que me julgo susceptivel acudiu em seu favor. «Isto, se vem a outro exame», disse eu comigo, «é homem ao mar, tão certo!... E é, portanto, um acto de caridade facilitar-lhe o tombo, quanto em mim couber.»

Chamei-o de parte, e percebi que tinha umas luzes vagas ácerca da historia de Cesar; e como elle, quanto ao resto, não pescava patavina, puz mãos á obra e para ali estive a apertar com elle, espremi-o, como quem espreme um limão; repeti e tornei a repetir-lhe, vezes sem conta, uma dose de perguntas de chavão, com respeito a Cesar, e que eu sabia deverem constituir parte obrigada no exame.

Custar-lhes-ha, talvez, a acreditar, pois eu affirmo-lhes que, no dia do exame, a coisa correu de vento em pôpa! Levava a lenga-lenga toda na ponta da lingua, e o caso é que fez um figurão e apanhou um louvor, emquanto que outros, que sabiam dez vezes mais a dormir do que elle accordado, ficaram chumbados!

Pelo mais singular e o mais propicio dos acasos, acasos dos taes que se não repetem duas vezes no mesmo seculo, não lhe fizeram uma só pergunta fóra dos limites do recado estudado.

Espantoso como as coisas espantosas!

E eu, aqui onde me vê, todo o tempo que elle esteve na berlinda, não me tirei de ao pé d'elle, dominado por um sentimento assaz parecido ao de qualquer mãe estremosa para com o filho aleijadinho; pois creia que se salvou, por milagre, provavelmente.

O que acabaria de o entalar e mettel-o a pique havia de ser a mathematica, bem entendido. Resolvi tornar-lhe o mais suave possivel o passamento, e para ali me puz, fogo que fogo, para traz e para diante, a encaixar-lhe na caximónia as respostas ás perguntas, que eu julguei mais provavel serem-lhe dirigidas pelos examinadores, até que, por fim, entreguei-o ao seu destino. Aposto que não adivinha quál foi o resultado? Pois saiba que, com grande consternação da minha parte, apanhou o primeiro premio! E, para coroar a obra, os cumprimentos do jury e uma ovação em toda a linha!

Dormir? Toda a semana eu soube lá o que isso era? E a consciencia, noite e dia, a remorder-me!

Eu, o que fiz, foi por caridade, nada mais, e com o sentido unico de alliviar a queda ao pobre rapaz. Passou me lá nunca pela cabeça chegar a tão absurdo resultado! Sentia-me tão miserando e tão culpado, que nem o proprio creador de Frankestein! E fôra eu quem puzera aquella cabeça de bugalho a caminho das promoções brilhantes, dos cargos de altissima responsabilidade, e, vae-se a vêr, uma só coisa havia que esperar: tanto elle como as suas responsabilidades, chegada a occasião, lá ia tudo por agua abaixo!

Rompera a guerra da Criméa. Está claro que não podia deixar de haver guerra, dizia eu comigo; se a paz pôdre durasse por muito tempo, como é que haviamos de arranjar ensejo a este grandissimo jumento para que estique o pernil, sem que o fiquem conhecendo?

Futurei um terremoto, e o caso é que não tardou, e por pouco me não virou de pernas ao ar. Li no jornal que o tinham promovido a capitão d'um regimento de linha!!!

Quantos e quantos, com melhores barbas, não ficam para ahi a marcar passo e a fazerem-se velhos, sem esperança de subir áquellas alturas!

Mas quem seria capaz de adivinhar que iam confiar tamanha carga de responsabilidades a uns hombros tão fracos e tão incapazes? Ainda se o tivessem feito alferes, vá que não vá, conformava-me, mas capitão! Que lhe parece? Tratei logo de ir ao espelho vêr se tinha a cabeça branca!

Ora imagine! Para eu fazer o que fiz, eu, que fui sempre tão amigo do meu socego, tão agarradinho á minha rica pachorra!

Disse de mim para mim: «Sou responsavel para com o meu paiz por isto que se está vendo; te-

Exposição Universal de Paris de 1900

«PAX ET CONCORDIA» — *Quadro do sr. Pedro Americo*

Vid. Cartas da Exposição

nho, pois, que me agarrar a esta azemola, que defender contra elle o paiz, com quanta gana tiver.»

Fui-me ao meu peculiosinho, ajuntado durante annos e annos, a poder da mais rigorosa economia, comprei uma patente de alferes no regimento em que elle servia, e lá marchámos juntos para a campanha.

Assim que lá chegámos, Deus de misericordia! Foi medonho! Desconchavos! De manhã até á noite não fazia outra coisa. Mas ninguem, bem vê, lhe sabia das baldas; observavam-o n'um fóco errado, e, n'essa conformidade, interpretavam-lhe as proezas sempre ás avessas, o que equivale a dizer que tomavam como inspirações geniaes as suas cabeçadas de sandeu—palavra! As suas asneiras mais inoffensivas eram o sufficiente para arrancar lagrimas a qualquer sujeito de mediana sensibilidade; e fizeram-me chorar, e, aqui para nós que ninguem nos ouve, rabiar e criar sangue de bugio! E o que me fazia andar sempre em suores frios era que, a cada asneira nova, o *esplendor* da sua reputação subia um furo! Tão alto has de subir, dizia eu comigo, tão alto que, por fim, quando chegar o dia em que te vejam nú e crú, é como se o sol, despegando-se do firmamento, désse um trabulhão e viesse parar cá abaixo.

E elle lá ia, de vento em pôpa, subindo postos uns atraz dos outros, galgando por cima dos cadaveres dos seus superiores, ate que, por fim, no lance mais renhido da batalha de ***, lá se foi o nosso coronel, e até vi geitos de o coração me querer saltar pela bocca fóra, ora imagine!

¡O nosso amigo Scoresby era o primeiro no rol das promoções! Agora é que são ellas, disse eu comigo: dá comnosco em vaza barris, n'um abrir e fechar d'olhos, tão certo!

A batalha estava incarniçada como a bréca: os alliados fraquejavam em toda a linha. O nosso regimento occupava uma posição que era a chave do exito; um erro n'estas alturas, e lá se ia tudo de cangalhas. N'este lance angustioso, de que se ha de lembrar aquelle immortalissimo idiota? Desviou o regimento da posição que defendia e mandou dar uma carga de baioneta na direcção d'um cabeço ali proximo e onde não existia nem a sombra, sequer, de um inimigo!

«Bonito, disse eu comigo, d'esta feita é que estás prompto!»

E lá vamos nós de cambulhada. Galgámos o tal cabeço, sem dar tempo a que descubrissem e podessem suspender tão disparatada manobra.

Mas, com que pensa que fomos topar do outro lado? Com um corpo do exercito russo, inteirinho e completo, sem lhe faltar um botão, e cuja existencia ninguem, sequer, suspeitava. Ora que imagina que succedeu? Ficarmos feitos em postas? N'um cento de casos identicos, é o que teria succedido noventa e nove vezes, pelo menos. Mas, qual! Os russos acreditaram lá que um regimento se aventurasse sósinho por ahi fóra, em taes assados! O que ali vinha era o exercito inglez em peso, que tendo dado pelo joguinho escondido, vinha deitar-lhe abaixo a egrejinha; e vae d'ahi, deram cêbo nas botas, fizeram tres meia-volta, e elles ahi vão de escantilhão por ali abaixo, galgando o cabeço a quatro e quatro, e nós em cima d'elles. Iam tão cegos que, rompendo as linhas, atravessaram pelo centro do exercito russo, que estava formado no campo da batalha.

Que destroço! Não imagina! D'ali por deante, completa debandada, e a derrota dos alliados transformada na victoria mais brilhante que ganharam em toda a campanha.

O marechal Canrobert, que contemplava aquella scena, pasmado e tonto de alegria, nem queria acreditar n'aquillo que estava presenceando. Mandou logo chamar o nosso Scoresby á sua presença, ergueu-o do chão nos braços, e ali mesmo, no campo da batalha, á vista dos exercitos alliados pôz-lhe ao peito uma condecoração.

Vejamos agora qual fôra, d'aquella vez, a patada do nosso amigo Scoresby. Ora, que havia de ser? Confundiu a mão direita com a esquerda, eis o que foi.

Recebera ordem de virar a frente á rectaguarda e vir de reforço á nossa direita; pois, em vez de executar a ordem, avançou e investiu com o cabeço pela esquerda. E o caso é que a reputação de talento militar por ahi além, que adquiriu n'aquelle dia, foi apregoada pela trombeta da fama ás cinco partes do mundo, e que os louros conservarão o viço emquanto durarem os livros de historia!

E' um bonacheirão, lá isso é, sem malicia ou impostura; o mais que verá, porém, adeante do nariz, andará por meia pollegada. E aqui entre nós, que ninguem nos ouve, esta é que é a pura verdade. Mais supino jumento não se encontra em todo o universo, e não ha ainda meia hora sabiamo-l'o eu, elle e mais ninguem. De dia para dia, de anno para anno, que o persegue a mais phenomenal, a mais espantosa das sortes! Tem sido um soldado brilhante em todas as campanhas a que tem assistido a actual geração; tem estercado a sua carreira militar com sandices de calibre magno, pois creia que ainda não perpetrou uma unica asneira que lhe não rendesse um grau de nobreza. Cavalleiro hoje, baroneto ámanhã, lord no outro dia, e assim por diante. Olhe para aquelle peito; aquillo não é farda, é uma taboleta de condecorações, quer domesticas, quer estrangeiras. Pois, meu amigo, saiba que, ali onde as vê, não ha uma unica que não commemóre tolice gorda, cavalada de dar brado; e, sabidas as contas, o que provam todas é que a melhor coisa que n'este mundo pode acontecer a qualquer sujeito, é o ter nascido com sorte. Em conclusão, digo e repito o que lhe disse n'aquelle banquete:

O Scoresby? E' um refinadissimo alarve.

Pin-Sel.

Alguns esclarecimentos sobre a guerra do Roussillon e Catalunha de 1793 a 1795

O governo hespanhol tendo pela sua parte o enthusiasmo nacional manifestado por todos aquelles rasgos de patriotismo exaltado, que podia offerecer um povo horrorisado pelas atrocidades praticadas em Paris contra o infeliz Luiz XVI, e que pela sua morte queria ostentar, em sentido contrario, as mais acrisoladas provas da sua dedicação e amor á realeza, resolveu entrar em guerra com a França.

O gabinete de Madrid requisitára formalmente ao governo portuguez os soccorros a que o julgava obrigado, em virtude dos anteriores tratados.

N'essa requisição tres pontos principaes se mencionavam: 1.º a formal requisição dos soccorros; —2.º brevidade de sua expedição;—3.º finalmente, indicando, o destino que deviam ter as tropas portuguezas e o sitio onde deveriam operar em serviço da Hespanha.

Quanto ao primeiro ponto, fixaram-se os soccorros de 5.000 homens com as suas competentes equipagens, compondo se de seis regimentos de infanteria, duas companhias d'artilheria com o seu competente parque, quatro officiaes generaes, o estado maior proporcionado, e alguns officiaes engenheiros. Relativamente ao segundo, promettia-se a maior brevidade na remessa dos referidos soccorros, que se fariam embarcar nos primeiros dias de setembro. Pelo que dizia respeito ao terceiro ponto, pedia o governo portuguez que, não obstante deverem as respectivas tropas ficar á inteira disposição de sua Magestade Catholica, operassem conjunctamente com o exercito hespanhol da Catalunha, porque, a não ser assim, tornava-se muito sensivel a tão briosos soldados portuguezes deixarem de ser empregados na campanha de Roussillon.

Em quanto se ultimavam os preparativos da marcha, cuidava se na nomeação do commando; primeiramente foi nomeado o general d'infanteria, marquez das Minas, sendo depois substituido pelo marechal de campo João Forbes Skellater, que foi graduado em tenente-general. Sob suas ordens, como auxiliares, foram os marechaes de campo D. Antonio de Noronha e D. Francisco Xavier de Noronha.

Destinaram-se para commandantes das brigadas de fuzileiros os marechaes de Campo D. João Correia de Sá e José Correia de Mello, e para a de granadeiros, o coronel Gomes Freire de Andrade.

A infanteria da divisão compunha-se de seis regimentos, que foram o 1.º e 2.º regimentos do Porto, o 1.º regimento de Peniche, o 1.º regimento d'Olivença, o regimento de Freire d'Andrade e o memoravel regimento d'infanteria de Cascaes!

Cada regimento dividia-se em dois batalhões, tendo cada um d'elles quatro companhias de fuzileiros e uma de granadeiros.

O regimento d'infanteria de Cascaes ia na força de 898 homens, commandapo pelo nobre e distincto coronel Francisco de Mello da Cunha e Menezes, monteiro-mór do reino, que contava 53 annos de idade e 12 de serviço.

As duas companhias de artilheria iam na força de 456 homens; teve por commandante o major José Antonio da Rosa, e por segundo commandante o major Antonio Teixeira Rebello, officiaes de credito e que mais tarde se tornaram distinctos.

Na qualidade de ajudante general foi o marquez de Alorna; como quartel-meste general o coronel de engenheria, José de Moraes de Antas Machado; commandante dos engenheiros o tenente coronel Izidoro Paulo Pereira; ajudantes d'ordens do general commandante em chefe, o tenente coronel Luiz Carlos de Clavière, e os majores D. Miguel Pereira Forjaz Coutinho e Nuno Freire de Andrade.

Alguns grandes do reino faziam parte dos corpos d'esta divisão, taes como os capitães Conde de Tarouca [1] e Conde da Cunha, D. Francisco de Lencastre, irmão do marquez de Abrantes, o visconde de Fonte Arcada, D. João de Menezes, D. José Carcome Lobo, etc. Acompanhavam-na como voluntarios, entre outros individuos nacionaes e estrangeiros o marquez de Niza, D. Domingos Xavier de Lima, João Gomes da Silva Telles, irmão do marquez de Penalva; o duque de Northumberland, general do exercito britannico e membro da camara dos lords; o principe de Luxembourg Montmorency, filho do duque d'este titulo, par de França; o conde de Chalons, filho do antigo embaixador francez em Lisboa; o conde de Leutan, e mr. de Negrier, official francez, com o posto de tenente coronel.

O embarque da divisão realisou-se no dia 18 de setembro de 1793, saindo do porto de Lisboa no dia 20, a bordo dos seguintes transportes:

Nau S. José e Mercês. — Conduzia 800 praças do regimento de Freire de Andrade e o general D. Antonio de Noronha. Era commandada pelo capitão de mar e guerra Guilherme Galway.

Navio Polifemo. — Tinha a seu bordo 500 praças do regimento d'Olivença.

Charrua Providencia. — Conduzia 300 praças.

Neptuno e Principe. — Estes navios levavam galhardete azul no topo grande, e conduziam as 890 praças do regimento de Cascaes, indo no primeiro 500 e as 390 restantes no segundo.

Trindade do Porto e Boa Fé do Porto. — Conduziam 500 praças do regimento do Porto.

Sueco e Santos Martyres. — Levavam a seu bordo 800 praças do 1.º regimento do Porto.

Mercurio, Olinda e Canna Verde. — Conduziam as 950 praças do regimento de Peniche.

Trovoada pequeno e Aguia Luzitana onde ia a força d'artilheria.

A expedição tinha a fôrça total de 5:600 praças.

Estes transportes foram comboiados pela esquadra composta da

Nau de S. Sebastião — Commandada pelo capitão de mar e guerra João Dilkes, levava a seu bordo o commandante da divisão o tenente-general Forbes, o ajudante-general, marquez d'Alorna, os ajudantes d'ordens Luiz Carlos de Claviere, D. Miguel Pereira Forjaz Coutinho, Carlos André Uarth, Nuno Freire d'Andrade e os voluntarios D. Thomaz de Noronha e o Duque de Northumberland.

Nau Bom Successo. — Commandada pelo capitão de mar e guerra José Caetano de Lima, levava a seu bordo os dois commandantes de brigada D. João Correia de Sá e Jose Correia de Mello, e outros officiaes.

Nau Meduza. — Com o pavilhão d'almirante e commandada pelo chefe de divisão Pedro de Mariz de Souza Sarmento; a seu bordo seguiu o general D. Francisco Xavier de Noronha e seus ajudantes d'ordens, D. Antonio de Salles e Noronha e o coronel graduado Francisco Ventura Rodrigues Velho, os officiaes d'engenheria Izidoro Paulo Pereira, Manoel de Souza Ramos, Raymundo Valeriano, o quartel mestre general, coronel José de Moraes de Antas Machado e outros officiaes.

Fragata Venus. — Commandada pelo capitão de fragata Sampson Mitchell, transportando 5 officiaes.

*
* *

Na manhã de 21 de setembro toda a frota se via no Oceano demandando o seu destino. En-

[1] O expedicionario Capitão Conde de Tarouca foi descendente do valoroso Sargento mór de Batalha que em 1705 teve a elevação de General de batalha a mestre de Campo General, por ter tomado a praça d'Albuquerque. Pela sua capacidade, prestimo e altas virtudes foi o Conde de Tarouca, em 1709 nomeado ministro na Côrte de Inglaterra; a rainha da Grã Bretanha, os Estados de Hollanda, o Czar de Moscova, Luiz XIV, El-Rei de Polonia, o Grã Duque de Toscano e o Eleitor Palatino muito o elogiaram e deram-lhe muitas provas de consideração e estima. Os Principes todos recommendavam a seus ministros, que o respeitassem, e que o consultassem. O Conde de Tarouca foi abalizado; na affabilidade, e na bondade com que a todos tratava, e na caridade com os pobres foi avantajadamente insigne. Estando ministro em Haia fez á sua custa um hospital para os Catholicos. Todas as magnanimidades praticadas pelo Conde de Tarouca foram de muito valor: a que se segue é notavel. Uma tarde, passando pelo Rocio, succedeu que os cavallos do coche atropellaram uma pobre mulher; o Conde de Tarouca salta ligeiro, toma-a nos braços mette-a na carruagem e leva-a ao hospital; todos os dias a visitava, e depois de curada deu-lhe a esmola de oitenta moedas. Este nobre fidalgo e heroico soldado portuguez, falleceu em 29 de novembro de 1738.

trando no Mediterraneo o vento do levante contrariou a derrota e esta causa obrigou a maior parte dos navios a aportarem a Carthagena, onde entraram no dia 27 de outubro, as naus *Meduza* e *S. Sebastião*, dez navios de transporte, para ali receberem mantimentos e agua, de que iam já muito faltos. De carthagena largaram para a bahia de Rosas, onde se suppunha que já haviam chegado os transportes que entraram em Carthagena.

Apenas a expedição desembarcou, o seu commandante tenente-general João Forbes Skellater ordenou a concentração sob a protecção d'artilheria da fortaleza de Rosas.

Em virtude das ordens do general D. Antonio Ricardo Carilho, commrndante do corpo do exercito hespanhol, marchou a divisão portugueza para a villa de Ceret, occupando-a bem como os postos avançados muito importantes ao norte do rio Tech. Foi tal a maneira porque a divisão portugueza desempenhou a missão que lhe foi incumbida que salvou a pessima situação do exercito hespanhol que estava prestes a capitular. Assim, tentando o general francez Dagobert atacar o reducto, a ponte e villa de Ceret, defendida pelo exercito hispano-portuguez, coube ao general D. João Correia de Sá a gloria da defeza, que alcançou, com uma brigada de que fazia parte o heroico regimento de Cascaes.

Seguiram-se differentes ataques, em que o regimento de Cascaes se portou com todo o valor.

As baterias francezas cairam em poder d'esta brigada, incluindo a da crista da montanha a mais importante de todas, pois que estava estabelecida em ponto que dominava todas as barreiras que a circumdava e assegurava aos alliados o alto de Vallespir e o flanco esquerdo do exercito com as suas importantes communicações.

Em poder dos vencedores ficaram 61 prisioneiros, 3 bandeiras, 7 peças, 1 obuz, muitas espingardas, cavallos, 14 carros de munições, 4 acampamentos e abundancia de viveres.

A perda dos portuguezes n'esta batalha foi sómente de 1 official, 1 sargento e 8 soldados mortos: feridos 3 officiaes e 80 soldados. Na parte official que d'esta acção enviára ao quartel general de Ricardos, o conde da União, dizia: «Antes de concluir repito a V. Ex.ª os devidos elogios que fiz no officio de 26 do passado da pericia e espirito do general em chefe portuguez, acreditadas n'este dia com utilidade do serviço, e accrescento que ao seu lado lhe obedeceram com valor e esmero o marechal de campo José Correia de Mello; os voluntarios marquez de Niza, conde de Licantaud, o seu primeiro ajudante o tenente-coronel Luiz Carlos de Clavier, marechal de campo João Correia de Sá, o coronel conde de Assumar, os tenentes coroneis Ernesto Frederico de Werna, Antonio de Miranda Henriques, e o sargento-mór do regimento de Cascaes, D. Thomaz de Noronha e mais officiaes e soldados d'este regimento deram provas do seu valor. Não esqueça o monteiro-mór do reino de Portugal, coronel-commandante do regimento de Cascaes, que permaneceu com valor na trincheira durante a acção, assim como os voluntarios principe de Montmorency Luxemburgo e João Gonçalves da Silva Penalva.

Foi gloriosa acção do dia 26 de novembro de 1793.

Os francezes bateram em retirada para as alturas de Lanriol, a duas leguas de distancia dos postos avançados do exercito alliado.

A empreza da tomada de Port-Vendres, Castello de Saint'Elue e praça de Collioure, empreza que foi confiada ao marechal de campo D. Gregorio de la Cuesta, o qual, nas vistas de chamar a attenção do inimigo para outro ponto, ordenou no dia 21 do mez de dezembro um ataque sério ao seu respectivo campo, dando o commando da ala esquerda d'elle ao general em chefe portuguez Forbes, que teve por missão operar contra a direita do inimigo com parte das forças acantonadas no Ceret, a saber: o bravo regimento de Cascaes, o de Hespanha, provincias de Sevilha com cento e tantos cavallos, sendo apoiado pelas guarnições das baterias de la Sangre e Saint Jean. O marquez de Amarilhas á frente de tres divisões de cavallaria commandadas por D. Diogo Codoy, e de 5:000 infantes, divididos em tres columnas, saindo de Boulon, marchou sobre as baterias do inimigo, estabelecidas nas proximidades dos logares de Tresserre e Banyuls de Aspres, quartel general francez.

Quatro baterias foram tomadas ao inimigo, sendo-lhes encravada a maior parte da sua artilheria.

O general Forbes, commandante da expedição portugueza, teve pela sua parte mais difficuldade em conseguir o seu intento, que era de marchar pelas alturas de Boulou e descer as respectivas montanhas para atacar a retaguarda dos francezes na sua retirada do campo de Pla d'El-rei e ermida de S. Lucas. Quando, porém, o general Forbes se determinava a assentar o movimento que emprehendera de bater o inimigo pela retaguarda, viu-se obrigado durante a manhã a atacar sériamente os francezes, que estando formados em batalha, lhe começaram a fazer um vivo fogo de fuzilaria. O bravo regimento de Cascaes, rapidamente atacou á bayoneta calada, sendo n'esta investida sustentado pela infanteria de Hespanha e provinciaes de Sevilha. Este feito d'armas foi o resultado da proposta que o general, conde de Assumar, fizera ao commandante do regimento de Cascaes, que promptamente a acceitou, respondendo que elle e os seus soldados estavam sempre promptos para ir com o general a toda a parte onde quizesse. Este ataque denominou-se Acção de Banyuls des Aspres ou das tres serras, em que os francezes tiveram a perda de 1:000 mortos, muitos feridos e 300 prisioneiros.

Assim terminou o anno de 1793 em que os portuguezes alcançaram toda a gloria nas campanhas dos Pyreneus orientaes.

Ao principiar o anno de 1794, o numero de soldados hespanhoes e portuguazes achava-se reduzido a 9:000 homens d'infanteria e 1:500 de cavallaria, em consequencia das perdas soffridas nos combates, e do grande numero de doenças que diariamente, devido ao desabrido clima a que as forças estavam expostas no fim da estação invernosas. [1]

O desalento era tal que bem se póde dizer, que o tempo dos quarteis d'inverno foi mais arduo, trabalhoso e arriscado que o da anterior campanha.

Para se fazer ideia do misaravel estado a que estava reduzido o exercito hispano-portuguez, bastará dizer que o general Forbes, teve de abandonar os postos de S. Lourenço de Cerda, Pratz de Molló, e a fortaleza d'este nome, em consequencia de não ter gente para os guarnecer, indo substituir dois batalhões hespanhoes, que guarnecia a ponte de Ceret.

As tropas portuguezas chegaram ao maior estado de miseria; nos ataques e despojos feitos aos inimigos, nunca as tropas portuguezas receberam parte dos espolios, que tinham ajudado a tomar, emquanto que os nossos alliados usavam pela sua parte das fardas e munições tomadas, fazendo trafico do que não podiam usar.

Ao passo que isto succedia por um lado, por outro acontecia muitas vezes serem os nossos soldados victimas de desmandos e prepotencias, contra as quaes nunca reagiram, o que prova exuberantemente qual o valor e estado de disciplina que sempre teve o bravo exercito portuguez!

Depois d'uma longa serie de combates, e ajustada a paz com a França, no dia 9 d'agosto de 1795 chegou ao exercito alliado ordem para a difinitiva suspensão das hostilidades. No mez de setembro levantou o campo o exercito portuguez, indo aquartelar-se em Bariolos, preparando-se em Barcelona os transportes que tinham de o conduzir á patria.

No dia 28 d'outubro teve logar o seu embarque n'aquella cidade, havendo soffrido a importante perda de 2:000 homens na terrivel e laboriosa campanha do Roussillon, e tendo deixado na Catalunha immortalisada a sua fama pelo seu muito valor. Os mesmos hespanhoes lhe fizeram os mais subidos elogios, sendo comtudo omittidas por vezes as suas façanhas e bons serviços, por occasião da publicação dos differentes combates e batalhas. Os proprios inimigos, quando combateram com os portuguezes, d'elles fugiam muito mais que dos hespanhoes, por não poderem suportar o vigor do seu fogo, e o furor dos seus ataques á bayoneta.

A 30 d'outubro fazia-se á véla o comboio seguindo o rumo de Lisboa, entrando no Tejo nos dias 10 e 11 de dezembro, onde a divisão foi recebida no meio do mais vivo enthusiasmo, no melhor estado que se podia esperar, depois de tantas fadigas e dos arduos trabalhos por que passaram nos Pyrenéus.

O desembarque effectuou-se no caes de Belem; a elle assistiu da varanda do jardim do palacio, o principe regente D. João e sua esposa.

[1] O cirurgião-ajudante do regimento de Cascaes, João Antonio Lisboa, pôde conseguir que em Arlés se estabelecesse um bom hospital, onde eram tratados com judicioso cuidado e caridade, os nossos soldados.

Não admittia, porém, aquelle provisorio estabelecimento, mais de 600 enfermos; e como o numero d'estes era então muito maior, foram os excedentes repartidos por seis hospitaes hespanhoes, que se haviam organisado em Ceret.

N'esta mesma villa, no convento dos Capuchinhos, pelo augmento successivo dos doentes portuguezes, ainda foi mister preparar outro hospital, onde, pela efficaz direcção do general Noronha, receberam proficuo tratamento muitos enfermos.

Após o desembarque, a divisão formou no largo, e o regente descendo da varanda deu beija-mão aos bravos officiaes recemchegados.

Grande foi o enthusiasmo pela chegada d'aquelles heroes, que tantos triumphos e glorias alcançaram para si e para a patria que lhe fôra berço.

O principe regente D. João, dando publico testemunho de apreço ás nossas tropas, determinou que todos os officiaes generaes que fizeram parte da divisão auxiliar á Hespanha trouxessem bordada sobre o braço direito uma granada de ouro, os officiaes e cadetes uma de prata, os officiaes inferiores uma de seda branca, e os soldados uma de lã da mesma côr.

Igualmente foi determinado, que as bandeiras do regimento d'infanteria de Cascaes tivessem a legenda — AO VALOR DO REGIMENTO DE CASCAES.

Já vae longa esta resenha: para a concluirmos diremos ainda que, o regimento d'infanteria de Cascaes encontrou-se sempre onde maior era o perigo, mais violento o ataque, e mais difficuldade havia em colher as honras com que constantemente devia cingir os versos do immortal Camões.

E julgareis qual é mais excellente,
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

Augusto Carlos de Sousa Escrivanis.

KATIA

POR

TH. DOSTOÏEVSKY

V

A criada do hospedeiro, uma russa, velha devota, contava, babando-se, como o seu inquilino orava a Deus e como se deixava ficar, horas inteiras, como inanimado sobre as lages da egreja.

Não confiára a ninguem sua desgraça. Mas, muita vez, á hora do crepusculo, quando os sinos lhe recordavam o instante inolvidavel em que ajoelhára junto d'*ella* no templo de Deus, ouvindo-lhe bater seu coração e banhando com lagrimas de alegria a esperança que atravessava sua vida solitaria, então levantava-se um vendaval em sua alma para sempre ferida. Seu espirito soçobrava, todas as torturas do amor recomeçavam para elle. E soffria! soffria! E sentia que o amor augmentava com tanto soffrer. Horas e horas passavam: quedava-se immovel na cadeira, de tudo esquecido, do mundo e de sua pallida existencia e de si mesmo, taciturno, abandonado, e chorava silencioso e, por vezes, surprehendia-se murmurando: «Catharina! ó minha irmã solitaria!...»

Um pensamento terrivel veiu juntar-se a todas suas torturas. Longo tempe o perseguiu e cada dia progredindo, tornando-se probabilidade, realidade. Parecia-lhe — e acabou por acreditai-o — que o espirito de Catharina estava são e que portanto Mourine tivera razão em chamar-lhe «coração fraco.» Parecia-lhe que um mysterio inconfessavel a ligava ao velho, mas que ella não tinha consciencia do crime e que innocentemente se submettia á dominação infame. Que seriam elles um para o outro?... Batia-lhe o coração com impotente colera scismando na tyrannia que pesava sobre aquelle pobre ser. Os olhos espavoridos da sua alma, de subito vidente, seguiam a pobre rapariga na queda progressiva que sabia e traidoramente lhe haviam preparado. Como haviam torturado aquelle *coração fraco!* como maldosamente haviam contra elle interpretado os textos immutaveis! como o tinham completamente cegado! como com habilidade lhe haviam explorado o ardor da sua natureza! E, pouco a pouco, assim haviam ido cortando as azas áquella alma que nascêra livre e era incapaz agora de largar seu vôo para a vida verdadeira...

Ordinov ainda mais selvagem se tornou. Diga-se a verdade, os allemães em coisa alguma o incommodaram. Gostava de andar ao acaso pelas ruas, por muitas horas, sem destino, procurando sobretudo as horas escuras e os sitios afastados e desertos.

N'uma tarde triste de primavera morbida e num d'esses sitios funestos, encontrou Yaroslav Iliitch.

Yaroslav Iliitch emmagreceu muito. Seus olhos muito doces estão baços. Parece muito atormentado. E d'ahi, tem pressa, tem que ir tratar d'um negocio, está todo enxarcado e cheio de lama, e, durante toda a tarde, a chuva não fez senão julgar que era biqueira o nariz, honesto sempre, mas al-

gum tanto azulado de Yaroslav Iliitch. A mais, deixou crescer as suissas. O que precisamente intrigou Ordinov foram as suissas imprevistas e aquella affectação de querer evitar um velho amigo. Teria preferido que Yaroslav Iliitch ainda fosse aquelle homem d'outros tempos, simples, bonacheirão, um nadinha tolo, força é confessal-o, mas que, pelo menos, não presumia *ter desillusões* e nos não annunciava nenhum projecto de se tornar mais intelligente. E não acham coisa muito para desagradar encontrarmos de repente *intelligente* um tolo de quem gostámos d'antes exactamente pela sua toleima? E d'ahi a desconfiança de Yaroslav Iliitch não durou muito. Por muito desilludido que se achasse, não havia perdido seu verdadeiro feitio, o manto que os vivos só deixam no tumulo. Com delicia fez como d'antes suas pesquizas na alma do amigo. Fez-lhe notar primeiro que tinha muito que fazer e depois «que havia muito que se não tinham visto.» Mas de subito a palestra levou uma extranha volta. Yaroslav Iliitch falou da hypocrisia dos homens em geral, da instabilidade da ventura n'este mundo e da futilidade que é a vida. De passagem não deixou de citar Pouchkine, mas com indifferença muito pronunciada. Falou de seus «bons amigos» com cynismo e exaltou-se até contra a falsidade, contra a mentira dos que no mundo se chamam amigos, quando é certo que sincera amizade não existe nem existiu jámais. Verdade, verdade, Yaroslav Iliitch tornára-se intelligente. Ordinov não o contradizia, mas sentia-se entristecer. Parecia-lhe ir no enterro do seu melhor amigo.

— Ah! imagine... já me esquecia de lh'o dizer... exclamou Yaroslav Illitch, como recordando-se de qualquer coisa muito interessante. Tenho uma novidade a dar-lhe. Mas olhe que é um segredo que lhe confio. Lembra-se da casa onde morou?

Ordinov estremeceu e fez-se pallido.

— Pois imagine que foram lá dar ultimamente com uma quadrilha de ladrões! E' verdade, meu amigo, uma quadrilha, um covil: contrabandistas, gatunos, malfeitores de toda a especie, sei lá!... Uns já estão engaiolados e anda-se atraz dos outros. Foram dadas instrucções rigorosas. Mas aqui tem o que ninguem podia imaginar: lembra-se do proprietario? Um homem devoto, consideradado, com um feitio muito nobre...

— E então?

— Julgue por aqui toda a humanidade: era o capitão da quadrilha! Pois não acha incrivel?

Yaroslav Iliitch estava exaltadissimo. E era por aquillo que effectivamente julgava de toda a humanidade. Tinha que ser assim, estava-lhe no feitio.

— E os outros? E Mourine? perguntou Ordinov em voz baixa.

— Ah! Mourine! Mourine! esse respeitabilissimo velho, tão nobre... mas espere, alumia-me agora com uma luz nova...

— O quê? Pois tambem era...

A impaciencia fazia no peito de Ordinov saltar-lhe o coração.

— Não! que diz? continuou Yaroslav Iliitch, fitando em Ordinov um olhar de chumbo, signal de que reflectia. Mourine não podia estar com elles, porque tres semanas antes d'isso tinha partido com a mulher para a terra d'elles... Quem m'o disse foi o dvornik... lembra-se?... aquelle tartarosinho...

FIM

O HYDROGENIO SOLIDO

Todo o corpo será susceptivel de mudar de estado? Este problemas tem sido objecto de innumeras discussões, porque, se é facil dar uma resposta, para alguns d'esses corpos, outros ha que até hoje se teem tornado rebeldes á passagem de estado.

Mas seja qual fôr o corpo de que nos occupemos, o processo a adoptar, deverá ser invariavelmente o mesmo.

Se o corpo se apresenta, á temperatura ordinaria e pressão normal, no estado liquido, será necessario, para o obtermos solido, diminuir-lhe consideravelmente a temperatura e augmentar-lhe a pressão; se o desejarmos gazoso, havemos de fazer a operação inversa. E' o que succede com o corpo que todos nós conhecemos, a agua.

Se, pelo contrario, o corpo, nas condições normaes de temperatura e pressão se apresenta no estado solido será necessario:

1.º Para obtermos o liquido, sujeital-o a uma temperatura mais elevada sob a acção de uma pressão menor.

2.º Para o tornar gazoso, augmentaremos a temperatura e ainda diminuiremos a pressão.

Experiencias modernamente foram feitas com o hydrogenio. Este corpo apresenta-se normalmente gazoso, e mostrou sempre reluctancia, não só a passar ao estado liquido mas tambem, e com mais forte razão, ao estado solido. No emtanto, a sciencia não desanimou e quiz realisar o seu fim, continuando as suas tentativas. O hydrogenio liquido foi problema mais depressa resolvido. Porém o desejo dos chimicos era maior; não se contentando com o resultado satisfatorio d'esta experiencia, quizeram ainda obter este corpo no estado solido. Fez se então a seguinte experiencia, descripta por James Dewar, illustre membro da Sociedade Real de Londres, no interessante periodico *La Nature*.

Obtido o hydrogenio liquido, introduziu-se este n'uma pequena proveta de paredes duplas, a qual foi envolvida por outra egualmente de paredes duplas e contendo um banho de hydrogenio liquido.

Esta ultima era fechada e posta em communicação por meio de um tubo recurvado, com uma bomba que facilitava o poder-se ahi fazer o vacuo rapidamente. Produzia-se assim, no espaço annular, a evaporação, e a superficie externa do tubo menor conservava a temperatura egual á do hydrogenio liquido, no espaço annular. D'este modo, evitou-se a possibilidade de qualquer aquecimento externo, conseguindo-se a evaporação do hydrogenio liquido á pressão de 10mm.

No emtanto, nenhuma solidificação se produzia.

Em virtude d'este facto, esta idéa foi abandonada por algum tempo, até que em 1899, tendo-se determinado as constantes de um grande numero de thermometros de resistencia electrica, e com isto, o abaixamento progressivo das temperaturas em virtude da ebulição rapida do hydrogenio liquido, notou-se uma pequena distillação no ar que se congelava sob a forma de neve, no interior do recipiente, e no ponto onde esse ar encontrava o vapor do hydrogenio expellido, distillação que difficilmente se evitaria, pois, a tal temperatura e pressão, a cortiça torna-se dura como pedra e o cimento fende com extrema facilidade.

Se a pressão se reduzia a 60mm, este facto ainda se tornava mais notorio porque uma massa espumosa se formava. Esta massa que se julgou a principio ser constituida por ar solido, como foi reconhecida mais tarde, era unicamente formada por hydrogenio solido, visto que essa espuma facilmente se evaporava sem deixar vestigios de ar.

Foi então que se fez a seguinte experiencia, citada egualmente pelo sr. James Dewar, no mesmo periodico.

Tomou-se um balão *C* de um litro de capacidade e munido de um manometro *D* e de um tubo recurvado, e encheu-se de hydrogenio puro e secco, fechando-se em seguida á lampada. A parte *A B* do tubo grande é envolvida por hydrogenio liquido e collocada n'um recipiente onde se faz o vacuo. Baixa notavelmente a pressão, o hydrogenio liquido vae-se agglomerando n'uma massa espumoza branca que invade quasi que totalmente o espaço annular. Inverteu-se o apparelho para se observar se algum liquido escorria ao longo do tubo, e como tal facto não succedeu, chegou-se á conclusão de que podiamos considerar o hydrogenio solidificado. Parece, d'este modo, resolvido o grande problema que considerava o hydrogenio como que incapaz de se solidificar.

Fig. 1 Fig. 2

O HYDROGENIO SOLIDO

17-5-900.

Antonio A. O. Machado.

Recebemos e agradecemos:

Investigações Historicas do Regimento de Infanteria n. 19, por Augusto Carlos de Sousa Escrivanis, major governador da praça de Cascaes. Typographia da Companhia Nacional Editora.—Lisboa. — Um volume de 120 paginas, em magnifico papel, illustrado com o retrato do Senhor Infante D. Manuel, a quem o auctor dedica esta obra, e com outras gravuras, entre ellas a reproducção da celebre imagem de Santo Antonio pertencente ao antigo regimento de Cascaes.

E' este livro do sr. Escrivanis mais uma preciosa investigação historica, que sobre bons documentos, vem recordar a gloriosa parte que o regimento de infanteria n.º 19, denominado então, regimento de Cascaes, tomou na guerra do Roussillon, que precedeu a gloriosa campanha da Peninsula, nos principios d'este seculo.

E' muito curioso o livro do sr. Escrivanis pelos documentos que insere, a maioria d'elles extrahidos dos livros mestres do regimento de infanteria 19, que encontrou esquecidos nas casas subterraneas da cidadella de Cascaes.

Ao auctor pedimos venia para transcrever em outro logar um interessante capitulo da sua obra, e assim melhor idéa poderão fazer nossos leitores do bello livro, cujo offerecimento muito agradecemos ao Escrivanis.

Diccionario das seis linguas.—Recebemos a 11.ª serie, fasciculos 51 a 55 d'este importante diccionario, n'um só volume, unico no seu genero, editado pela *Empresa do* Occidente, em Lisboa. Esta serie abrange desde as palavras *Sourd* até *Verser* pelo que se vê que esta parte do diccionario, está no fim e que breve chegará á 3.ª e ultima parte, que é o vocabulario geral das linguas portugueza, ingleza, allemã, italiana e hespanhola, chave de ouro d'esta obra monumental, que torna este diccionario tão necessario quanto util aos portuguezes, francezes, inglezes, allemães, hespanhoes e italianos, pois a todos presta egual serviço da fórma mais pratica e economica, sabendo-se que cada fasciculo custa apenas 30 réis, obtendo-se assim um diccionario que póde ser consultado em seis linguas, por preço inferior a muitos diccionarios de uma só lingua. Se a isto se juntar o desenvolvimento e perfeição d'este diccionario, temos um verdadeiro prodigio de barateza.